

Seminário FESPSP 2017 - Incertezas do trabalho

02 a 05 de outubro de 2017

GT 02 – Crise das Democracias Contemporâneas: partidos, eleições e cidadania.

A oposição tem um partido no Rio: a consolidação do PSOL como realidade nas disputas eleitorais

Vinicius M Gentil – Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ¹

Resumo:

Analisar o PSOL como força política resulta na busca de importantes traços históricos do Rio de Janeiro como um todo. A redemocratização nos anos 1980 trouxe consigo o surgimento de novas legendas importantes no país, como também lideranças que atuaram intensamente no Rio de Janeiro. O Estado que foi capital do país até 1960, se dividiu em Guanabara e Estado do Rio, hoje possui um cenário político que coloca um partido de esquerda construído a partir de um rompimento parlamentar como principal polo de oposição. Num momento de aguda crise econômica e política que o estado está inserido multiplica a importância das discussões sobre possibilidades políticas na cidade e no estado, e como o PSOL se insere como protagonista na arena eleitoral é o objetivo central desse texto. O desempenho eleitoral, sobretudo na cidade, coloca em destaque a atuação e as lideranças do partido. O PSOL parece ter substituído antigas forças no Rio de Janeiro e compreendido as novas dinâmicas militantes na cidade.

Palavras-chave: PSOL, Partidos políticos, Rio de Janeiro, disputas eleitorais.

O momento de crise política de um país equivale quase sempre a um momento de profusão de pesquisas no campo das ciências políticas. Desde 2013 o Brasil procura respostas para a crise da representatividade² política instaurada no país (AVRITZER, 2016). Com advento das eleições de 2014³ e as denúncias de corrupção

¹ Possui Graduação em História, Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas pela Universidade Estadual do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e deu início em 2014 no curso de Doutorado no Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPCIS/UERJ) com apoio da CAPES

² Em junho de 2013 começaram movimentos de manifestação popular que resultaram em movimentos de contestação de governos pelo Brasil, sobretudo o Governo Federal.

³ Eleições para Presidente, Governadores, Deputados e Senadores – Vitória apertada da presidenta Dilma Rousseff (PT) sobre o candidato Senador Aécio Neves (PSDB).

se avolumando, a instabilidade se tornou o padrão do panorama político nacional. Dessa maneira, o estudo sobre partidos (KINZO,2006; VEIGA, 2011) no Brasil tornou-se uma possibilidade importante para a construção do conhecimento no país de forma mais intensa nos dias atuais.

A ideia de estudar a organização e a estrutura do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) no Rio de Janeiro advém do cenário complexo para qualquer grupo político de espectro ideológico de esquerda na atualidade (MESÁROS, 2003), sobretudo pela experiência recente do Partido dos Trabalhadores (PT) no poder e pelo enorme desgaste político engendrado pelo processo de impeachment e o afastamento definitivo da presidenta Dilma Rousseff. Além disso, desde o fracasso da URSS e o seu desmantelamento, o socialismo passou a ser visto como uma discussão conceitual utópica. O PSOL pretende se apresentar como uma alternativa aos modelos de partidos de esquerda históricos no país, apesar de seu nascimento ser resultado de uma dissidência parlamentar no governo Lula, buscando agendas e espaços públicos para a discussão de arranjos políticos que se alinhem com as demandas do tempo presente.

O desafio posto, portanto, é de refundar a ideia e a estratégia do socialismo no imaginário de milhões de homens e mulheres, reconstruindo a ideia elementar – mas desconstruída pelas experiências totalitárias dos regimes stalinistas e as capitulações à ordem no estilo da 3ª via socialdemocrata – de que o socialismo é indissociável da democracia e da liberdade, da mais ampla liberdade de expressão e organização, da rejeição aos modelos de partido único. Enfim, de que um projeto de emancipação social dos explorados e oprimidos nas condições atuais é um verdadeiro projeto de emancipação da civilização humana, de defesa da vida diante das forças brutais de destruição acumuladas pelo capitalismo imperialista. (Programa do Partido Socialismo e Liberdade – PSOL. <http://www.psol50.org.br/partido/programa/>)

Dentro das questões salientadas no programa como eixos centrais do partido, tais como a luta pela redução da jornada de trabalho, a luta contra a insegurança e pelo direito à vida, e tantos outros, a temática de um novo socialismo contemporâneo, o socialismo do século XXI (MESÁROS, 2003; SANTOS, 2007) também faz parte de uma discussão que envolve a premissa de uma autenticidade no fazer do político no Rio de Janeiro. Essa discussão sobre autenticidade indica a tendência por ações políticas que permitam a discussão de um governo socialista no sistema democrático, que se une à formação de jovens militantes numa agenda progressista (MESQUITA, 2007)

A escolha sobre o PSOL recai do seu crescimento no Rio de Janeiro, onde o partido tem conseguido resultados eleitorais expressivos, e construído lideranças de oposição significativas. Mesmo com pouco mais de 12 anos de história, e com poucos recursos⁴, o PSOL tem conseguido ocupar um lugar de oposição no Rio de Janeiro que há algum tempo não era palpável. O PT, maior partido de esquerda⁵ do tempo presente desde a abertura política pós ditadura, e berço das principais lideranças do PSOL, sofreu rupturas mais agudas a partir de diversos escândalos no Governo Lula e do distanciamento do PT de antigas agendas. No Rio de Janeiro, o PT enfrentou algumas intervenções da Executiva desde a década de 1990, sobretudo em relação às eleições de 1998, firmando um acordo com o Partido Democrático Trabalhista (PDT) de Anthony Garotinho. O ex-deputado Vladimir Palmeira (PT) seria o candidato natural a governador do partido para as eleições de 1998, uma vez que a Direção Estadual do partido ratificou sua escolha. Nesse instante, o PT Nacional intervém, pois, afirma já ter fechado aliança⁶ com o PDT, colocando a senadora Benedita da Silva como candidata a vice-governadora de Garotinho. A partir desse momento já existe no Rio um processo de desfiliação de parte de algumas tendências políticas do PT. O vereador Tarcísio (PSOL), militante do PT nesse período, explica o que vivenciou no partido:

Quando houve o impedimento da candidatura do Vladimir, e o problema jurídico de sua candidatura, a Nacional interviu diretamente no processo. A preocupação era ter alguém que sustentasse a campanha de Lula no estado. Depois disso o partido não foi mais o mesmo. Muita gente se desfilou. (Entrevista Tarcísio Motta, realizada em 17 de junho de 2017)

Para além das questões internas do PT, o Rio de Janeiro fora território de um Brizolismo que elegeu ainda nos anos finais da ditadura o ex-governador do Rio Grande do Sul, Leonel de Moura Brizola, para o cargo de governador do Rio de Janeiro. A ascensão e a força de Brizola no Rio desafiavam o crescimento do petismo nas instâncias de representação da cidade e do estado. Entretanto, no processo histórico de formação petista, desde as eleições municipais de 1988, o PT passa a disputar esse espaço da esquerda com o PDT, visto que o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e o Partido Comunista Brasileiro (PCB) oscilavam em alianças de apoio,

⁴ Os partidos recebem recursos do Fundo Partidário de acordo com o número de parlamentares que possui.

⁵ O Partido dos Trabalhadores possui hoje cerca de 1 milhão e 300 mil filiados.

⁶ Ver mais em <http://www.folhadelondrina.com.br/politica/vladimir-palmeira-pede-registro-de-candidatura-ao-tre-do-rio-85316.html>

mas sem candidato majoritário no Estado e na cidade.

A construção do PSOL e sua consolidação no Rio de Janeiro traduz em alguma medida essa trajetória política dos últimos 30 anos. Os caminhos traçados pelo PDT e pelo PT contribuíram para o rompimento de correntes políticas internas (no caso do PT) e de militantes históricos em ambos os partidos. O PSOL passara a ser uma possibilidade política na cidade e no estado do Rio de Janeiro. Apesar de estar organizado nos 27 estados da federação. O PSOL ainda é considerado um partido pequeno em âmbito nacional, em especial no que se refere ao número de parlamentares eleitos. No Rio de Janeiro o partido ganha um status de principal partido de oposição, garantindo destaque nos pleitos eleitorais e arregimentando cada vez mais filiados. O PSOL conta hoje no Rio de Janeiro com cerca de 100 mil filiados, segundo informações do Diretório Estadual.

Para frisar essa dimensão em números, o PSOL no Rio de Janeiro na última eleição (2016) teve seu candidato a prefeito, Deputado Estadual Marcelo Freixo, em segundo lugar na cidade (perdendo no 2º turno) com 41% dos votos válidos, além de ter o 2º e o 5ª vereadores mais votados da cidade, Vereador Prof. Tarcísio Motta e Vereadora Marielle Franco respectivamente. É a cidade com mais representantes do PSOL na Câmara Municipal, total de seis vereadores, num universo de 51 vereadores, o que corresponde a quase 12% do total, e na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro conta com cinco deputados estaduais num universo de 70 deputados, resultando em aproximadamente 7% do total, o que em certa medida já demonstra um pouco da força do partido na cidade e no Estado. Ainda elegeu a vereadora mais votada em Niterói, Talíria Perone, em Nova Friburgo elegeu o Professor Pierre e Zezinho do Caminhão, e por fim, em Itaocara elegeu outros dois vereadores, Beto Papagaio e Rondinely Corrêa.

Diante desse contexto, o objetivo central deste trabalho é o de investigar as formas encontradas pelo PSOL para se consolidar na cidade como principal partido de oposição, analisando suas estratégias de mobilização e formação, que em tese abarcam tanto militantes orgânicos do espectro de esquerda mais tradicional, quanto grupos diferentes⁷ daqueles que tradicionalmente optariam por partidos de esquerda mais clássicos. A base do PSOL é composta majoritariamente por jovens pertencen-

⁷O surgimento de reivindicações de grupos minoritários que entenderam o PSOL como uma estratégia de luta e o partido assimilou esses grupos (Prostitutas, LGBTs, etc.)

tes aos setores universitários e secundaristas e vários grupos que representam o que denominamos de minorias⁸. Nesse mosaico de atores políticos é possível perceber feministas, movimento LGBT, Movimento Negro e demais grupos minoritários atuantes no Rio de Janeiro.

É impossível pesquisar o PSOL e não o relacionar ao PT (POMPÊO, 2007), pois nasce de uma dissidência parlamentar. O ano de 2004, período das expulsões que culminaram com a ideia de um novo partido de esquerda, é apenas um marco dentro de todo o contexto histórico da trajetória do PT. Essa comparação é interessante para a pesquisa, pois contribui para entender as dinâmicas distintas de formação e atuação do partido. A relação entre PT e PSOL traz consigo outras demandas que igualmente ajudam na busca pelo entendimento do partido. A sustentação do PT a partir da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e do Movimento dos Trabalhadores Sem Terras (MST) e a oposição do PSOL aos governos Lula e Dilma são clivagens clássicas de diferenciação das bases. Uma das maiores centrais sindicais do país esteve sempre ao lado do PT, muitas vezes parecendo ser o mesmo que o partido. Já o PSOL surge exatamente nos primeiros anos da chegada ao poder do PT e seus aliados, o que denota uma substancial dificuldade de relacionamento com setores clássicos de representatividade dos trabalhadores pelo PSOL. Essa simplificação nos serve apenas como base para o trabalho empírico, pois teoricamente não é capaz de qualquer afirmação. A relação com a história do PT surge no programa do partido e aponta para alguns grupos específicos:

A ruptura com o PT começou pelos servidores federais, seguida de amplos setores intelectuais, de segmentos da juventude e de uma significativa parcela da população, fragmentada na rebeldia, mas localizada na quase totalidade de pesquisas de opinião realizadas. (Programa do Partido Socialismo e Liberdade – PSOL. <http://www.psol50.org.br/partido/programa/>)

Nos campos artístico e intelectual houve, no Rio de Janeiro, uma certa migração de antigos petistas para o PSOL. Aliás, em todos os setores houve essa migração. Parte daqueles que ficaram descontentes com os rumos tomados pelo PT desde a chegada ao poder federal em 2003 entendiam que o PSOL poderia significar a representação das suas demandas na sociedade. Esses encontros reforçaram muito

⁸ Segundo informações do Diretório Estadual.

a ligação que o PSOL é o PT nos seus primórdios. Existem intercessões entre ambos, mas não são equivalências. Tais intercessões dizem respeito as agendas que partidos de esquerda comungam, como por exemplo a luta por melhores salários e pela redução da jornada de trabalho, a reforma agrária e tantas outras. Dizer que não existem equivalências é a lógica do PSOL nascer justamente de uma ruptura do PT, e por entender que o partido não representava mais seus anseios. O PSOL surgiu antes dos escândalos do escândalo do Mensalão. É interessante fazer esses paralelos, pois estes enfatizam ainda mais o caráter distinto das instituições. É necessário ressaltar que o movimento de criação do PSOL é recheado de momentos tensos, como as decisões de expulsão dos parlamentares, que ocasionaram em processos de desfiliação em massa do PT e filiação futura no PSOL. Esses movimentos de acadêmicos, lideranças políticas e figuras históricas do PT indicavam a possibilidade de construção de um novo partido de esquerda que a partir daquele momento seria oposição ao Governo Lula. (POMPÊO, 2007)

Um dos grandes desafios do PSOL é conseguir se enraizar na sociedade, como resalta o vereador Renato Cinco do Rio de Janeiro. Dialogar com os trabalhadores, aqueles que pertencem às classes menos favorecidas é de fato um desafio. A concentração dos votos nas regiões sul e central denotam uma dificuldade na comunicação com setores mais populares. Aliás, os próprios parlamentares do partido no Rio admitem isso, apesar de alguns avanços. Na última eleição para prefeito da Cidade do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella (então candidato a prefeito do RJ pelo PRB) venceu de forma peremptória, em toda a Zona Norte e Oeste, chegando a colocar quatro vezes mais votos que o candidato Marcelo Freixo nessas regiões⁹.

O processo histórico de formação do PSOL

As linhas mestras de construção do PSOL estão inseridas no primeiro mandato do presidente Lula e nos rumos traçados para o governo. O PT que dá início ao Governo de Lula em 2003 tinha como relação ao *Sion*¹⁰ parte considerável de sua militância e de seus parlamentares, em sua maioria fundadores do partido. Todavia,

⁹ Sobre a disputa eleitoral entre Marcelo Freixo (PSOL) e Marcelo Crivella (PRB) ver em <http://especiais.g1.globo.com/rio-de-janeiro/eleicoes/2016/apuracao-zona-eleitoral-prefeito/rio-de-janeiro/2-turno/> - último acesso em 11/03/2017

¹⁰ Colégio Sion onde o PT foi fundado oficialmente.

na organização das agendas de governo, quase nada restara daquele partido formado por um caldo efervescente da política nacional. O primeiro grande embate que iria expor as contradições ainda no início do governo Lula seria a indicação de Henrique Meirelles como presidente do Banco Central. Meirelles era quadro político do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), partido este que implementara no país todas as políticas antipetistas, tais como as privatizações, por exemplo. O PT garantia ao mercado que a política macroeconômica ficaria intacta. Nesse momento, a voz de Heloísa Helena, senadora por Alagoas pelo PT surge como a primeira grande oposição às definições do Governo Lula. Além disso, o apoio de Lula a José Sarney como presidente do Senado foi alvo de duras críticas:

Porque sem nenhum demérito a Luciana Genro, Babá e João Fontes, que com ela foram expulsos do PT, foi sua voz a que mais se destacou, na denúncia do significado degradante da indicação de Henrique Meirelles para o Banco Central – “o companheiro” Henrique Meirelles, como o anunciou Lula em coletiva aos telejornais. E pelo esforço de tribuna que ocupava com seu mandato foi ela quem se levantou em protesto, antes de todos, contra o apoio de Lula à José Sarney à presidência do Senado. (TEMER, pg. 80, 2014)

A segunda agenda que aglutinaria novamente uma ala petista de descontentes seria a Reforma da Previdência proposta pelo Governo Lula. Nesse momento as vozes da senadora Heloísa Helena se juntaram as vozes de quatro deputados federais, João Batista de Oliveira Araújo (Babá), Luciana Genro, Lindbergh Farias e João Fontes. Desses, Lindbergh Farias foi o único que decide permanecer ao lado do presidente Lula e seguir no PT. No mesmo ano, Lindbergh seria eleito prefeito na cidade de Nova Iguaçu (RJ) com apoio total do PT e do Presidente Lula na campanha. Aos demais parlamentares que permaneceram na luta contra a Reforma, restava o julgamento nas instâncias internas do partido.

O processo de expulsão é fruto de movimentos políticos até mesmo de lideranças acadêmicas internacionais, como Noam Chomsky (Pômpeo, 2007). O manifesto contou com mais de mil assinaturas. Mesmo diante de apelos robustos do campo das esquerdas, o Diretório Nacional (DN) decide pela expulsão por 55 votos a favor e 27 contras. Heloísa Helena, Babá, Luciana Genro e João Fontes estavam expulsos do PT por *indisciplina e infidelidade partidária*. Com esses parlamentares,

outros grupos, seja de intelectuais ou de tendências internas, desembarcam do partido:

As correntes políticas de Babá e Luciana Genro, respectivamente Corrente Socialista dos Trabalhadores (CST) e o Movimento esquerda Socialista (MES), historicamente oriundos do trotskismo ortodoxo, consideram-se expulsos do partido e desfiliam-se dele. A situação de Heloísa Helena é mais complicada. Heloísa pertencia a Democracia Socialista (DS), tendência interna do PT que já havia decidido continuar no partido. A DS era ligada a um setor mais moderado do trotskismo, relacionado com o antigo Secretariado Unificado (SU) da IV Internacional. Mesmo assim, alguns militantes da DS, de diversas regiões do país, em solidariedade a Heloísa Helena, também se consideram expulsos e saem do PT. (PÔMPEO, 2007, pg. 6)

Nesse momento o PSTU procura se aproximar dos setores descontentes do PT e desses militantes que foram expulsos do partido. Tem início a construção de um “Movimento por um Novo partido Socialista”. O congresso do partido em 2003 resulta numa divisão, sobretudo em relação à vitória do “centralismo democrático” no interior do partido, o que impossibilitava a permanência das tendências de forma contínua. Assim, MES e CST se afastam do PSTU, além de surgir uma nova tendência, Socialismo e Liberdade (SL), que também decide sair do partido. Esses militantes formam o Coletivo Socialismo e Liberdade (CSOL), que seria embrião para o PSOL. Esse processo estava acontecendo ao mesmo tempo dos processos de expulsão do PT. No início de 2004 surge um documento que ratifica a ideia de um partido que desse abrigo aos parlamentares expulsos do PT. O documento “Esquerda Socialista e Democrática (ESD) – Movimento por um novo partido”

As denúncias do Mensalão em 2005 ainda no primeiro mandato do Governo Lula refletem-se na formação dos quadros do PSOL. Os esquemas de compra de partidos e parlamentares, empréstimos fraudulentos impactam fortemente o PT. Uma nova onda de militantes e parlamentares saem em direção ao novo partido.

O primeiro raio de sucessão de rupturas que ocorre foi anunciado em 20 de agosto de 2005: o deputado federal João Alfredo (CE), da DS, divulga carta pública em que anuncia sua desfiliação do PT e entrada no PSOL. Quatro dias depois, é realizado ato em Fortaleza para oficializar a entrada de Alfredo no partido. Nos dias 24 e 25 de setembro, foi realizada em São Paulo, com a presença de 800 militantes, a primeira Assembleia Nacional Popular e de Esquerda (ANPE). Ao final do ato, segundo informa o site do PSOL, um grupo de 400 petistas – representantes de movimentos sindicais de todo o país, a maioria sindicalistas, realizaram ato de desfiliação do PT e ingresso no PSOL. (PÔMPEO, 2007, pg.8)

Os parlamentares que saem do PT em direção ao PSOL trazem consigo cor-religionários e até mesmo tendências políticas internas, como é o caso do deputado federal Ivan Valente, pertencente a Ação Popular Socialista (APS), que decide desfilar-se em grupo do PT e acompanhar o deputado.

O PSOL está oficialmente formado em 15 de setembro de 2005. A composição interna conta em seu início com diversos grupos dissidentes de partidos de esquerda. A base militante ainda é naquele instante um mosaico de tendências, que será fruto de discussão mais à frente. Como diziam Silva e Pires (2014), os fundadores do PSOL tiveram sapiência necessária diante do momento histórico do país:

Os fundadores do PSOL tiveram a sapiência de perceber que o momento histórico pelo qual passava a esquerda brasileira exigia um partido com muita tolerância interna, com direito de tendências e com espaço para transformar-se também num fórum permanente de debates e sínteses. O PSOL nasceu, portanto, com três importantes consensos: não repetir os erros do PT; não se transformar em mais um PSTU; e garantir internamente o exercício da diversidade da cultura política da esquerda que se abrigou no seu interior, para que o fator tempo fosse forjando os ajustes mais finos e estratégicos do perfil partidário (SILVA E PIRES, 2014, pg. 107)

Em 2006 o PSOL conta com uma base parlamentar de sete deputados federais, alguns estaduais e vereadores por todo o país. A grande diferença de outras rupturas no processo histórico petista diz respeito a dissidência parlamentar que gerou o PSOL. A alegoria que o vereador Tarcísio Motta (RJ) fez durante entrevista realizada para a pesquisa explicita a ideia dos enormes desafios que nasciam junto com o partido: “O partido nasceu pela copa da árvore. O desafio é enraizar-se na sociedade. Normalmente se começa pela base, o PSOL nasce com parlamentares em sua formação. Obviamente que existe uma base militante, mas o enraizamento como o do PT ainda demanda trabalho e tempo”

O PSOL no Rio de Janeiro: organização, desempenho e lideranças.

Quando o PSOL se torna uma realidade no país (2004/2005) ele já conta com a presença de um parlamentar do Rio de Janeiro: Deputado federal Chico Alencar. Além disso, o PSOL já contava com um vereador na bancada da cidade, Eliomar Coelho. Para deputado estadual, são as eleições de 2006 que elegem o primeiro parlamentar estadual do partido: Marcelo Freixo. Esse cenário de 2006 é importante pois constrói uma linha de representatividade do partido na cidade. O PSOL agora

teria um representante do Rio do Congresso Nacional, um na Assembleia do Estado e outro na Câmara da cidade.

No início de 2007, o deputado eleito Marcelo Freixo ficou responsável pela Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa e logo produziu o requerimento para a instauração da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) sobre as milícias¹¹ no Rio de Janeiro, fenômeno conhecido por todos no estado e na cidade, que ganhou um tratamento mais adequado depois de algumas denúncias dos meios de comunicação, sobretudo episódios de violência na cidade.

Já no início de 2007, as novas autoridades do Estado do Rio se manifestam publicamente contra as milícias e afastam o inspetor da Polícia Civil Félix dos Santos, acusado de chefiar a milícia de Rio das Pedras. Em agosto de 2007 o líder comunitário da favela Kelson's, Jorge da Silva, faz denúncias perante diferentes órgãos e no dia 7 de setembro é sequestrado e assassinado em função dessas denúncias. Em dezembro de 2007, o vereador Josinaldo, conhecido como Nadinho, é acusado de ser o chefe da milícia na favela Rio das Pedras, e preso. Progressivamente há prisões de outras autoridades públicas acusadas de chefiar milícias, notadamente o deputado estadual Natalino Guimarães e o vereador Jerominho. (ALERJ, Relatório CPI das Milícias, 2008, pg.34)

A instauração de fato ocorre no ano de 2008, ano de eleição municipal. A CPI das Milícias ganharia uma visibilidade robusta devido sobretudo ao processo eleitoral. Os bairros da zona oeste da cidade, reduto maior das milícias, seriam de alguma forma impactado com as denúncias, oitivas e diligências presididas pelo deputado estadual Marcelo Freixo.

A CPI produzira efeitos em série na cena política carioca, e ainda em 2007 o filme *Tropa de Elite* é lançado no país tendo como tema central a relação com a corrupção nos aparelhos de segurança do estado do Rio de Janeiro. Um dos personagens possuía nítida relação com o deputado Marcelo Freixo. As consequências foram diversificadas. Freixo ganhou visibilidade e liderança no Rio de Janeiro, entretanto foi alvo de inúmeras ameaças de morte¹² dado o alcance da CPI.

As eleições de 2008 já contavam com a dimensão da CPI das Milícias em andamento e as prisões de vereadores da cidade. Os conflitos eleitorais seriam com-

¹¹ A expressão —milícias se incorporou ao vocabulário da segurança pública no Estado do Rio e começou a ser usada frequentemente por órgãos de imprensa quando as mesmas tiveram vertiginoso aumento, a partir de 2004. Ficou ainda mais consolidado após os atentados ocorridos no final de dezembro de 2006, tidos como uma ação de represália de facções de narcotraficantes à propagação de —milícias na cidade.

¹² Ver em <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2011/10/31/deputado-fluminense-vai-deixar-o-pais-por-cao-de-ameacas-de-morte.htm>

plexos para um partido novo como o PSOL. O Relatório da CPI aponta para alguns resultados:

Em face de tudo o que foi exposto e com base em toda a documentação trazida à análise dessa Comissão, que segue em apêndice para consulta, esta CPI, em defesa do Estado Democrático de Direito e segundo suas responsabilidades constitucionalmente determinadas, propõe:

1. Conceituar milícias como grupos armados para prática de diversas extorsões e exploração irregular de serviços públicos, controlados por integrantes das instituições de segurança pública e/ou das Forças Armadas, para fins econômicos escusos, não raro com representação direta de parlamentares ou indiretamente na forma de sustentação dessa atividade criminosa, contando, no mínimo, com a tolerância de autoridades de Poderes Executivos (braço político-eleitoral);

2. Indiciamento político dos parlamentares em relação aos quais há prova da prática miliciana, caracterizando quebra de decoro, devendo se proceder a cassação dos mandatos eleitorais de:

2.1 Deputado Estadual Natalino José Guimarães (ex-DEM);

2.2 Vereador, no Rio de Janeiro, Jerônimo Guimarães Filho, —Jerominholl (PMDB);

2.3 Vereador, no Rio de Janeiro, Josinaldo Francisco da Cruz, —Nadinho de Rio das Pedrasll (DEM);

2.4 Vereador, no Rio de Janeiro, André Ferreira da Silva, —Decoll (PR);

2.5 Vereador, em São Gonçalo, Geiso Pereira Turques, —Geiso do Casteloll (PDT); (ALERJ, Relatório CPI das Milícias, 2008, pg. 261)

Apesar do desempenho amplo do deputado estadual Marcelo Freixo, é central discutir a inserção mais ampla do PSOL na arena eleitoral da cidade. Para tanto vale recuperar as questões políticas que estavam postas no Rio de Janeiro desde a abertura política, com o posicionamento dos partidos na divisão do poder, tanto em âmbito estadual quanto municipal.

A primeira eleição direta pós-ditadura na cidade em 1986 elege o candidato Saturnino Braga do PDT, partido do governador Leonel Brizola (PDT - 1982-1986). A força política do PDT se mantém até o 2º mandato do governador Leonel Brizola (1991-1994). A Tabela 4 torna mais claro a distribuição dos ocupantes do cargo de prefeito e seus partidos.

Tabela 4 – Prefeitos e Governadores eleitos

Prefeitos Eleitos			Governadores eleitos		
Ano	Nome	Partido	Ano	Candidato	Partido
1986	Saturnino Braga	PDT	1983	Leonel Brizola	PDT
1989	Marcelo Allencar	PDT	1987	Moreira Franco	PMDB
1993	César Maia*	PMDB	1991	Leonel Brizola	PDT
1997	Luiz Paulo Conde	PFL	1995	Marcello Alencar*	PSDB
2000	César Maia*	PTB	1999	Anthony Garotinho	PDT
2004	César Maia*	DEM	2002	Rosinha Garotinho	PSB
2008	Eduardo Paes	PMDB	2006	Sérgio Cabral	PMDB

Vinicius Gentil, 2017.

Ao analisarmos a Tabela 4 é possível apontar para uma disputa nítida entre os partidos PDT e PMDB. A força do governador Leonel Brizola na montagem de seu partido na década de 1980 resulta em sua eleição em 1982 quanto a de Saturnino Braga (PDT) e Marcelo Allencar (PDT) nas eleições municipais de 1986 e 1989 respectivamente. Apesar da derrota de Darcy Ribeiro (PDT), professor e criador dos CIEPs no governo de Brizola, para Moreira Franco (PMDB), na eleição seguinte o governador novamente se elege com imensa vantagem (61% dos votos válidos contra 17% do segundo colocado) frente ao segundo colocado, Jorge Bittar (PT).

A representação do brizolismo no Rio de Janeiro se mantém forte até o final da década de 1990, pois na cidade do Rio de Janeiro, César Maia (que foi eleito pelo PMDB) era um antigo quadro do PDT, incluindo sua participação no primeiro governo de Leonel Brizola como Secretário de Fazenda do Estado. Logo em seguida, César Maia (PDT) foi eleito deputado constituinte pelo partido, se reelegendo em 1990. Se analisarmos a força de César Maia na cidade, é possível compreender a relação de força do PDT na cidade. Cesar Maia mudou de partido pelo menos 4 vezes. César Maia mudou do PDT para o PMDB. No meio do 1º mandato como prefeito se filiou ao Partido da Frente Liberal (PFL) e elegeu seu candidato e secretário municipal Luiz Paulo Conde (PFL). Depois disputou a eleição de 2000 já filiado ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Vencedor das eleições, Maia se reelege em 2004, mas volta ao PFL, que depois muda de nome para Democratas (DEM). Apesar das mudanças, a ligação histórica com o PDT constituiu a carreira de César Maia.

No âmbito das disputas eleitorais do estado, novamente o PDT garante uma participação efetiva. Vale a ressalva que no período da década de 1980 até 1997 os mandatos do executivo não podiam participar da eleição seguinte, ou seja, não poderiam se candidatar à reeleição. Esse impedimento legal explica em parte a derrota do PDT depois do governo de Leonel Brizola (PDT) entre 1982-1986. Logo depois do governo de Moreira Franco (PMDB), Brizola retorna ao governo e exerce seu mandato entre os anos de 1991 e 1994. A sequência pós Brizola também é interes-

sante. Marcelo Allencar (PSDB) é eleito como o mandato seguinte, entretanto novamente a trajetória política é relevante na análise. Marcelo Allencar já fora prefeito da cidade entre os anos 1989-1993 pelo PDT. Allencar era mais um que se formou na política fluminense a partir das relações com Leonel de Moura Brizola. Apesar da mudança de partido, os caminhos políticos de Marcelo Allencar trazem consigo as marcas do brizolismo na cidade.

A presença dos herdeiros de Brizola no Rio de Janeiro continua com a eleição do então prefeito da cidade de Campos (RJ), Anthony Garotinho (PDT). A eleição de Garotinho (PDT) trouxe de novo a marca do brizolismo, pois o político se apresentava como um herdeiro do ex-governador. As eleições de 1998 seriam um marco nas relações do PT no Rio de Janeiro. As articulações para a eleição de Garotinho tiveram uma intensa movimentação de Leonel Brizola (PDT) e sua candidatura para vice-presidente de Lula (PT) no mesmo ano. Mais à frente a relação das oposições no Rio de Janeiro será a objeto de análise.

Anthony Garotinho (PDT) disputa as eleições presidenciais de 2002, por isso deixa como candidata nas eleições estaduais do Rio de Janeiro sua esposa Rosinha Garotinho filiada ao Partido Socialista Brasileiro (PSB). A candidatura de Rosinha é uma saída para manutenção de poder de Garotinho. Rosinha disputaria sua primeira eleição com a marca de ser a esposa do governador. Em processo interno, o PDT recusara a indicação de Rosinha, o que aponta para o rompimento da família Garotinho com o partido. Rosinha se candidata pelo PSB e se elege para o mandato de 2003-2006. As disputas eleitorais com as marcas do brizolismo no Rio de Janeiro têm uma pausa, de alguma maneira, nessa eleição. Leonel de Moura Brizola morre em 2004, o que representa um duro golpe no PDT. Nas próximas eleições do estado, o PMDB vai comandar a arena política, garantindo as vitórias de Sérgio Cabral (PMDB) em dois mandatos e sua sequência com a eleição de Luís Fernando Pezão (PMDB).

Um pouco dos dados sobre o desempenho eleitoral no Rio de Janeiro

O campo dos partidos de esquerda e de oposição na cidade precisam de observação mais refinada. Como já dito acima, o PDT teve importante participação na política fluminense desde a sua criação na década de 1980. O maior símbolo do partido e um de seus fundadores, Leonel de Moura Brizola, desempenhou importante

papel na formação de quadros para o município e para o estado do Rio de Janeiro. Mesmo quando não era mais tão forte nos processos eleitorais, sobretudo depois das eleições de 1998 quando se aliou ao PT de Lula e saiu como candidato a vice-presidente, Brizola e o PDT foram imprescindíveis na organização das forças políticas do Rio de Janeiro como um todo. Do mesmo modo, falar em partidos de oposição e de esquerda no Rio é relacionar obrigatoriamente o PT como força política. A Tabela 5 a seguir descreve um pouco desses espaços de disputa na cidade.

Tabela 5 – Disputas eleitorais para Prefeito da cidade: participação e desempenho de PT, PDT e PSOL

A atuação do PT, PDT e PSOL no Rio de Janeiro			
Cidade do Rio de Janeiro - Candidaturas a Prefeito			
Ano	PT	PDT	PSOL
1988	17,51% dos votos - Jorge Bittar	31,65% dos votos - Marcelo Alencar	
1992 1º turno	32,94% dos votos - Benedita da Silva	18,43% dos votos - Cidinha Campos	
1992 2º turno	48,11% dos votos - Benedita da Silva	Derrotada por César Maia - PMDB	
1996	21,7% dos votos - Chico Alencar	8,6% dos votos - Miro Teixeira	
2000	22% dos votos - Benedita da Silva	9,1% dos votos - Leonel Brizola	
2004	6,3% dos votos - Jorge Bittar	1,4% dos votos - Nilo Batista	
2008	4,9% dos votos - Alessandro Molon	1,80% dos votos - Paulo Ramos	1,81% dos votos - Chico Alencar
2012	PT sem majoritário coligado com PMDB - candidato a Vice do PT - Eduardo Paes	PDT sem majoritário coligado com o PMDB - Eduardo Paes	28,15% dos votos - Marcelo Freixo
2016	PT sem majoritário coligado com o PCdoB - candidato a vice do PT - Jandira Feghali	PDT sem majoritário coligado com o PMDB - candidata a vice -Cidinha Campos do PDT - Eduardo Paes	1º turno - 18,26% dos votos - Marcelo Freixo e 2º turno - 40,56% dos votos - Marcelo Freixo

O maior partido de oposição da cidade até o início dos anos 2000 foi o PT. Mesmo sem eleger um candidato a prefeito pela cidade desde sua fundação em 1980, o PT disputou eleições apresentando bom desempenho, em alguns casos mostrando capacidade de vencer o pleito eleitoral. As relações com o PDT são importantes para mostrar a musculatura do PT na arena eleitoral carioca a despeito da força do brizolismo. E para fins de inserir o PSOL no contexto político da cidade, a tabela 5 mostra com nitidez o papel que o partido ocupa a partir de sua segunda participação.

A primeira eleição direta na cidade pós-ditadura foi em 1988. Nessa disputa, o candidato Marcelo Allencar (PDT) vence a eleição. Jorge Bittar (PT) consegue 17,51% dos votos válidos, já demonstrando a disposição do partido na disputa das grandes cidades do Brasil.

Da eleição de 1988 até a eleição de 2012, ou seja, no espaço de cinco eleições, o PT vai se constituindo na cidade do Rio de Janeiro como principal partido de esquerda nas disputas eleitorais. O desempenho do PT não chegou a levar o partido ao poder no município, mas garantiu em todos esses pleitos um melhor desempenho em relação ao PDT. O destaque dessas eleições é para o ano de 1992, quando Benedita da Silva chegou ao 2º turno, totalizando 48,11% dos votos válidos.

A perda de força do PT é flagrada na eleição de 2004, quando Jorge Bittar (PT) consegue somente 6,3% dos votos válidos na cidade, um resultado que apresenta uma queda acentuada no volume de votos do partido. As intervenções de 1998 da Executiva, o governo de oito meses de Benedita da Silva¹³ (depois da saída de Garotinho para a disputa presidencial em 2002) com diversos problemas financeiros e de segurança pública, podem ser um indicativo dessa queda.

As eleições de 2012 já possuem uma outra correlação de forças na cidade. Com o destaque e a visibilidade (sobretudo pela participação na CPI das Milícias) do deputado estadual Marcelo Freixo, o PSOL ocupa o lugar de partido de esquerda e de oposição na cidade. Freixo (PSOL), apesar de uma campanha reduzida e de pouco destaque nas mídias, sobretudo devido ao tempo de TV e rádio de poucos segundos, consegue disputar a prefeitura da cidade com o prefeito em exercício, Eduardo Paes (PMDB).

Esse protagonismo no campo das oposições se consolidaria na eleição de 2016, quando mais uma vez Marcelo Freixo (PSOL) se destacou e foi ao 2º turno das eleições com o candidato Marcelo Crivella (PRB). Freixo chegou em 2º colocado no primeiro turno a frente do candidato de situação, Pedro Paulo (PMDB), indicado pelo prefeito Eduardo Paes (PMDB). A disputa mexeu com a cidade. Freixo conseguiu 40,56% dos votos válidos, cerca de 1 milhão e 300 mil votos. Para um partido novo como o PSOL, e com recursos muito limitados, é um enorme feito.

É preciso ressaltar ainda nas eleições municipais de 2012 um marco para o PSOL devido a eleição do primeiro prefeito do partido, Gelsimar Gonzaga, ex-

¹³ Ver mais em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/benedita-sousa-da-silva>

cortador de cana, em Itaocara (RJ), município do Noroeste Fluminense. A experiência no executivo foi traumática para o PSOL. Gelsimar se elegeu com apenas um (1) vereador de seu partido, no total de 11 vereadores na Câmara Municipal da cidade. A cidade pequena e com reduzidos recursos viveu o mandato de Gelsinho com diversos embates políticos¹⁴. Segundo o partido, Gelsinho foi vítima de sabotagem em seu governo¹⁵. Foram inúmeras as disputas jurídicas, ora impedindo e afastando o prefeito de gerir a cidade, ora o recolocando no cargo. Na disputa eleitoral de 2016 a candidatura de Gelsinho foi impugnada, o deixando inelegível por oito anos¹⁶.

Tabela 6 - Disputas eleitorais para Governador do Estado do Rio de Janeiro: participação e desempenho de PT, PDT e PSOL

A atuação do PT, PDT e PSOL no Rio de Janeiro			
Estado do Rio de Janeiro - Candidaturas a Governador			
Ano	PT	PDT	PSOL
1983	3,05% dos votos - Lysâneas Macial	34,17% dos votos - Leonel Brizola eleito	
1987	8,57% dos votos - Fernando Gabeira	35,88% dos votos - Darcy Ribeiro	
1991	17,8% dos votos - Jorge Bittar	61% dos votos - Leonel Brizola eleito	
1995	10,73% do votos - Jorge Bittar	30,38% dos votos - Anthony Garotinho	
1999	Candidata coligada com o PDT - vice- governadora Benedita da Silva	46,9% dos votos - Anthony Garotinho eleito	
2002	24,4% dos votos - Benedita da Silva	14,3% dos votos - Jorge Roberto Silveira	
2006	7,6% dos votos - Vladimir Palmeira	1,52% dos votos - Carlos Lupi	1,44% dos votos - Milton Temer
2010	Coligado com o PMDB, sem candidato ao cargo	Coligado ao PMDB, sem candidato ao cargo	1,67% dos votos - Jefferson Moura
2014	10% dos votos - Lindbergh Farias	Sem coligação e sem candidato	8,92% dos votos - Tarcísio Motta

¹⁴ Ver mais em <http://g1.globo.com/rj/norte-fluminense/noticia/2016/02/justica-suspende-cassacao-e-prefeito-de-itaocara-rj-fica-no-cargo.html>

¹⁵ <http://www.psol50.org.br/blog/2016/02/24/juiz-anula-decisao-da-camara-de-itaocara-e-determina-que-gelsimar-reassuma-o-cargo-de-prefeito/>

¹⁶ Ver em <http://www.sfnoficias.com.br/prefeito-de-itaocara-tem-candidatura-a-reeleicao-impugnada-e-fica-inelegivel-por-oito-anos>

Na trajetória das disputas estaduais, o PDT consegue se manter na dianteira em comparação com o PT. A Tabela 6 traduz essa afirmação. Da eleição de 1983 com a vitória de Brizola (PDT) a eleição de Anthony Garotinho (PDT) em 1999, o PDT se manteve com forte influência no estado e com vitórias expressivas. Enquanto na cidade o PT se tornava maior que o PDT, no estado o PDT ainda mantinha a preponderância, inclusive com a participação da petista Benedita na chapa de Garotinho (PDT) em 1998.

Quanto ao PSOL, a participação na disputa para o cargo de governador ganha expressão com a participação do Prof. Tarcísio Motta (PSOL). A campanha ganhou destaque com a participação do candidato nos debates, o que resultou no crescimento de sua candidatura na reta final da campanha. Um dos números que chamam a atenção em 2016 é justamente a proximidade dos números entre o candidato do PT, Lindbergh Farias (10%), e do PSOL, Tarcísio Motta (8,92%), apesar das diferenças substanciais nos recursos financeiros e nos recursos de comunicação, com os tempos de cada uma das campanhas (O PT possuía 5 minutos na TV contra 1 minuto do PSOL).

Algumas pistas do trabalho

Essa breve análise das forças políticas é central para a compreensão do surgimento do PSOL nesse contexto e como o partido a partir desse processo histórico construiu suas bases como partido de oposição na cidade e no estado do Rio de Janeiro. Obviamente que nesse processo de consolidação política se cruzam diversos outros fatores que não se esgotam nesse texto. O número de variáveis não é reduzido nessa linha de pesquisa. Poderíamos citar por exemplo a trajetória histórica da cidade do Rio de Janeiro como espaço de oposições, que de alguma forma tangencia essa posição do PSOL na atualidade. Outra questão seria a formação de lideranças carismáticas no partido e sua relação com as estratégias eleitorais.

O que de fato é possível deixar como reflexão é a musculatura que o partido conseguiu num curto espaço de tempo em momento tão difícil para um partido que surgiu de uma estrutura robusta e poderosa eleitoralmente. Ter surgido do PT não é algo apenas formal, sobretudo romper no momento que este partido é o organizador das políticas públicas do país, controlando diversas áreas de atuação política e social.

O PSOL do Rio, quer por características das lideranças, quer pelo seu posicionamento nas pautas identitárias (marcas do partido), representa um punhado substancial no Rio de Janeiro. O desempenho eleitoral das últimas eleições indica que o partido é um dos postulantes centrais para a disputa da cidade. No Estado, apesar de apenas uma experiência no executivo em uma pequena cidade do interior, o trabalho legislativo ganha destaque e fôlego para as próximas eleições, sobretudo diante de um quadro político devastado pela profunda crise que atingiu o Rio de Janeiro. Daqui a cerca de 1 ano novas eleições poderão mostrar com ainda mais clareza os rumos do PSOL Fluminense. Quando ao PSOL Carioca, o lugar de maior partido de oposição na Câmara de Vereadores tem destacado as lideranças do partido.

Referências Bibliográficas

ALERJ, **RELATÓRIO CPI das Milícias**. 2008.

ARAÚJO, Luiz. Aprender com a derrota para reconstruir a esquerda. **Revista Socialismo e Liberdade**, nº 15, dezembro de 2016. Rio de Janeiro: Fundação Lauro Campo.

AVRITZER, Leonardo. **Impasses da democracia no Brasil**. Editora José Olympio, 2016.

DO AMARAL, Oswaldo E. **A estrela não é mais vermelha: as mudanças do programa petista nos anos 90**. Editora Garçonni, 2003.

DO AMARAL, Oswaldo Martins E. **As transformações na organização interna do Partido dos Trabalhadores entre 1995 e 2009**. 2010. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas.

DOWNS, Anthony. **Uma teoria econômica da democracia**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1999.

DUVERGER, Maurice. **Os Partidos Políticos**. Tradução Cristiano Monteiro Oiticica. 1980.

ELIAS, Bruno. & CÉSAR, Rodrigo. **O PT e a Juventude: a esperança em construção**. São Paulo: Editora Página 13, 2015.

KATZ, Richard; MAIR, Peter. **Changing Models of Party Organization and Party Democracy: The Emergence of the Cartel Party**. Party Politics, London, v. 1, n. 1, p. 5-28, 1995.

KINZO, Maria D.'Alva. **Partidos, eleições e democracia no Brasil pós-1985**. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2006

KIRCHHEIMER, Otto. **El camino hacia el partido de todo el mundo - Teoría y sociología críticas de los partidos políticos**. Anagrama, 1980.

LACERDA, Alan Daniel. **O PT e a unidade partidária como problema**. Dados, Rio de Janeiro, v. 45, n. 1, p. 39-76, 2002.

MARINGONI, Gilberto. Dez anos adiante. In: MEDEIROS, Juliano e DUTRA, Israel. **Um partido necessário: 10 anos do PSOL**. Rio de Janeiro: Fundação Lauro Campos, 2016.

MEDEIROS, Juliano e DUTRA, Israel. **Um partido necessário: 10 anos do PSOL**. Rio de Janeiro: Fundação Lauro Campos, 2016.

MENEGUELLO, Rachel. **PT: a formação de um partido, 1979-1982**. Paz e Terra, 1989.

MÉSZÁROS, István. **O século XXI**. Socialismo ou barbárie (2003).

MESQUITA, Marcos Ribeiro. "Movimento estudantil brasileiro: práticas militantes na ótica dos novos movimentos sociais." **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 2003, pg. 117-149.

MICHELS, Robert. **Os Partidos Políticos**, trad. Hamilton Trevisan. São Paulo: Senzala. (sd). 254p, 1968.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. **Socialismo e Democracia no Marxismo de Carlos Nelson Coutinho (1943-2012)**. *Revista Lua Nova*, São Paulo, pg. 11-21, 2013.

PANEBIANCO, Ângelo; TRINIDAD, Mario. **Modelos de partido: Organização e poder nos partidos políticos**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PARTIDO SOCIALISMO E LIBERDADE – PSOL – **Programa de Partido**, 2005.

POMPÊO, Flávio Sposto. As origens do P-SOL. **Revista Urutágua**, *Maringá* 12, 2007.

PARTIDO SOCIALISMO E LIBERDADE - PSOL. **ESTATUTO DO PARTIDO SOCIALISMO E LIBERDADE**, 2010.

REIS, Daniel Aarão. O Partido dos Trabalhadores: trajetória, metamorfoses, perspectivas. **As esquerdas no Brasil. Revolução e democracia**, v. 1, p. 503-540, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O socialismo do século XXI**. *Jornal da Ciência* (2007).

SARTORI, Giovanni. **Partidos e sistemas partidários**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1982.

SILVA, Júlio César Gonçalves. **Partido de Professores: elite partidária e evolução política do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL)**. *Paraná Eleitoral*, v. 2. p. 63-98, 2013.

SINGER, André. **A segunda alma do Partido dos Trabalhadores**. *Novos Estudos-CEBRAP*, n. 88, p. 89-111, 2010.

SINGER, André. **Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador**. Companhia das Letras, 2012.

TEMER, Milton. Parece que foi ontem. In: MEDEIROS, Juliano e DUTRA, Israel. **Um partido necessário: 10 anos do PSOL**. Rio de Janeiro: Fundação Lauro Campos, 2016